



DOSSIÊ LITERATURA E IMPRENSA

A imprensa periódica voltada para literatura, artes e cultura de língua portuguesa sedimentou-se no século XIX, mas desenvolveu-se de maneira significativa na transição do século XIX para o XX, devido ao crescimento do público leitor, à crescente apetência informativa desse público, ao desenvolvimento de técnicas inovadoras de impressão e ao fato de as revistas e jornais terem se transformado em suportes privilegiados para a criação, difusão e debate de ideias artísticas e culturais. Contemporaneamente, a digitalização e a disponibilização desses materiais em acervos e hemerotecas tem contribuído para a ampliação das reflexões sobre as relações entre a literatura e a imprensa.

O presente dossiê aborda não só a produção literária e cultural no âmbito da imprensa periódica, mas também as redes de intelectuais e de sociabilidade que se formaram e transitaram em países de língua portuguesa, ao longo do século XX.

O primeiro artigo, de autoria de Jerónimo Pizarro, apresenta uma carta, não enviada, escrita por Fernando Pessoa e destinada a José Pacheco. Nesta epístola, Pessoa dirigiu-se ao diretor da revista Contemporânea para tratar de artigo de Álvaro Maia, em torno da polêmica sobre o livro *Canções*, de António Botto. Em outro importante contributo, insere-se o texto de Enrico Martines que transcreve e analisa três cartas de Pessoa, duas enviadas e uma não, endereçadas ao escritor Adolfo Rocha (Miguel Torga). O pesquisador Ricardo Marques, especialista em revistas literárias, apresenta aos leitores “Mário de Sá-Carneiro nas publicações periódicas do Modernismo: ‘impressões de guerra’”. Botto é objeto de outro estudo elaborado por Oscar de Paula Neto e Ida Alves que, em “Sobre alguns poemas de António Botto dispersos na imprensa brasileira”, abordam a produção literária daquele poeta, publicada na imprensa do Brasil, durante seu exílio voluntário no país entre 1947 e a data de sua morte, no Rio de Janeiro, em 1959. A produção pessoana é retomada em “Do ensaio à cena no teatro de Athena”, de Patrícia Sá Ferreira, em que se analisa a encenação do drama do heteronimismo pessoano nas páginas da revista Athena, dirigida por Pessoa e Ruy Vaz, entre 1924 e 1925. Pablo Maia reflete sobre a concepção literária de Orpheu, outra importante publicação dirigida pelo autor da Mensagem.

Já no âmbito das relações entre literatura e imprensa no espaço dos territórios de língua portuguesa, Viviane Souza Madeira discorre a respeito da leitura de cartas trocadas entre a ativista feminista e professora goesa Maria Ermelinda dos Stuarts Gomes (1889-1937) e a ativista feminista e escritora portuguesa Ana de Castro Osório (1872-1933). Cielo Festino investiga as narrativas literárias anticoloniais de escritores indianos, goeses e portugueses, publicadas no jornal de esquerda, *Free Goa*, nas décadas de 1950 e 1960. Adelaide Maria Vieira Machado analisa o papel da divulgação da literatura na imprensa goesa, no artigo “Imprensa e literatura: texto, contexto e intertexto na Goa colonial (1930-1945)”.

O estudo de Marcello Felisberto Morais de Assunção se debruça sobre os conceitos de modernidade, raça e nação nas relações entre intelectuais de Portugal, Brasil e Cabo Verde, a partir de textos do Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro. Claudia Lorena Fonseca, que também tematiza a imprensa do Brasil, centra-se na análise das revistas *Argumento* e *Almanaque*, ambas produzidas nos anos 1970, e reflete sobre as estratégias dessas publicações em tempos de censura e ditadura. Finalizando o dossiê, Juliana Bulgarelli analisa os papéis da literatura e da imprensa no processo de transformações urbanas no Rio, no artigo “Paulo Barreto: Imprensa, Literatura e as Reformas Urbanas da cidade do Rio de Janeiro no fim do século XIX e início do XX”.

Na seção *Varia*, Elisângela Gonçalves Pinheiro investiga o papel das edições e reedições de autos vicentinos, na circulação do teatro de Gil Vicente nos mercados de Portugal e Brasil. E Cid Ottoni Bylaardt apresenta o papel da escritura da memória no romance de Lobo Antunes, em ensaio intitulado “Vozes que se transformam em lápis — um pensar sobre *Não é meia noite quem quer*, de António Lobo Antunes”.

Na seção *Tradução*, Fernando Baião Viotti traz uma importante tradução do artigo “Poesia efrástica: dentro e fora do museu”, de Jonathan Ellis.

Por fim, na seção *Resenha*, Nuno Ribeiro tece considerações a respeito do livro publicado em 2022, *Sobre a heteronímia*, editado por Fernando Cabral Martins e Richard Zenith.

Os diversos artigos que fazem parte desse dossiê contribuem para uma interessante reflexão sobre as potencialidades dos suportes analisados e do tema das relações entre literatura e imprensa, no século XX.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Hélder Garmes
Raquel S. Madanêlo Souza
Roberta Guimarães Franco